

dia a dia

DESTAQUE

Trabalhadores invisíveis

São pessoas fundamentais para o dia a dia do cidadão: lixeiros, tratadores de água, tapadores de buraco no asfalto. Mesmo assim quase nunca são vistos, notados ou valorizados

Rodrigo Rainho

rodrigo.rainho@bomdiasorocaba.com.br

O dia a dia é cada vez mais corrido, queixam-se todos. As 24 horas parecem não ser o bastante para tanto trabalho, trânsito, contas. Enquanto a multidão desloca-se frenética, trabalhadores incógnitos, invisíveis aos olhos da maioria, fazem serviços que beneficiam a todos. Sem eles, a cidade mergulharia no caos.

Isaías Gomes, 40 anos, é invisível. Rasteleiro de asfalto, trabalha na duplicação da avenida Fernando Stecca. Suado, usando uniforme laranja amarrotado, ele vê os motoristas passarem sem percebê-lo. "Rastelar asfalto a 180 °C. Se ele seca, a obra para. Se eu não trabalho direito, o motorista sente solavancos no veículo. Acho que só me percebem quando faço algo errado."

Isaías sofre com a indiferença, sente-se discriminado. "Ando sujo, cheio de cimento. Não sei o que judia mais: o calor do asfalto ou a indiferença. Sinto que corro o risco de ser atropelado porque as pessoas não nos percebem."

OLIXO COMO COMPANHIA/ Alexandre Nogueira, 27, tem um emprego que poucos encarariam: é ponta de aterro e passa o dia rodeado de lixo. O mau cheiro é forte. "Sou ponta de aterro há

9 meses, mas vivo do lixo há 10 anos. Era coletor. Acho que contribuo para a cidade, mas não sei se isso importa para alguém."

Na outra ponta da cadeia do lixo está a catadora Benilza de Oliveira, 35. Ela faz a seleção e prensagem do material reciclável. "É claro que gostaria de ser reconhecida. Quero uma vida melhor para minha família."

ÁGUA / Marjorie de Lima, 22, analisa a qualidade da água que vem da Represa do Clemente/Itupararanga e chega a 90% dos imóveis da cidade. "Apesar de não ser vista, sei que se não existissem pessoas que fazem o que faço a cidade ficaria sem água", diz.

Distribuindo panfletos na Praça Coronel Fernando Prestes há 5 anos, a entregadora Fernanda Mendes, 32, conhece alguns trabalhadores e moradores da região central, mas não sabe citar nomes. "Uns já me dão bom dia, mas eles têm pressa. A maioria me evita porque acha chato pegar papéis. Talvez eu faria o mesmo no lugar deles". Fernanda relembra o dia que um pequeno gesto lhe marcou: "Estava um sol de rachar e o dono de uma lanchonete mandou um menino me entregar um refrigerante. Fiquei feliz ao perceber que ele se importava. É difícil chegar a estabelecer um contato. Fazer uma amizade."

A INDIFERENÇA A 180°C

"O calor é terrível. Além do sol forte, enfrentamos o asfalto quente. As pessoas passam direto. Sou ignorado"

— Isaías Alexandre Gomes
rasteleiro de asfalto

Psicólogo vira gari e sente na pele a indiferença no dia a dia

■ O psicólogo Fernando Costa transformou em estudo o dia a dia dos trabalhadores invisíveis. Para uma tese de mestrado ele se passou por gari por pelo menos um dia da semana, durante 10 anos. O local foi escolhido a dedo: o campus da Universidade de São Paulo, onde ele estudava e era conhecido.

Com o "disfarce", as saudações pelas ruas da cidade universitária

cessaram. As conversas iniciadas por estranhos, antes comuns, também. O estudo originou o livro "Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social". Segundo o psicólogo, a diferença de tratamento que sofreu com troca de profissão e vestimenta foi notória. "Quanto maior a desigualdade social de um local, mais a invisibilidade desses profissionais perante os demais."

Quase imperceptíveis, mas com a mão na massa

Onde trabalha:

Equipav / Secretaria de Obras e Infraestrutura Urbana

Isaías Alexandre Gomes

40 anos

Rasteleiro

Função: Nivelar o asfalto de vias em obras de recapeamento, usando um grande rastelo de metal



Como é o seu dia a dia:

Recapeia 12 Km de vias mensalmente, em média. O rasteleiro trabalha com o piche quente, o que torna o trabalho desgastante principalmente durante os dias mais quentes, uma vez que o piche está a mais de 180°C e libera um calor escaldante. Ele garante o acabamento das emendas entre as faixas e as cabeças (remendos) do recapeamento

E se ela parar de trabalhar?

Sem Benilza e os demais coletores, muitos detritos que são reaproveitáveis acabariam embaixo da terra. Só em Sorocaba os coletores são responsáveis por reciclar 400 toneladas de lixo por mês. Eles acabam atuando como agentes ambientais que ajudam a minimizar os impactos ao meio ambiente

Benilza de Oliveira
35 anos
Coletora de material reciclável

Função: Coleta, seleciona e vende objetos reaproveitáveis para a sociedade

Onde trabalha:

Cooperativa de Reciclagem de Sorocaba (Coreso)

Trabalhos braçais e a necessidade do uso de uniforme contribuem para o sentimento de invisibilidade